

**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL DA
FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE: VIVÊNCIAS
E SIGNIFICADOS NA FORMAÇÃO DE UMA CULTURA
ACADÊMICA**

Elane da Silva Barbosa - Universidade Estadual do Ceará – UECE -

elanesilvabarbosa@hotmail.com

Márcia Jáinne Campelo Chaves - Faculdade do Vale do Jaguaribe - FVJ-

jainne.campelo@hotmail.com

Suzana Carneiro de Azevedo Fernandes - Universidade do Estado do Rio

Grande do Norte – UERN - suzanaazevedo@superig.com.br

RESUMO:

Este estudo objetiva resgatar o processo de construção do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Enfermagem de Mossoró – PETEM, no Rio Grande do Norte. Trata-se de investigação qualitativa, descritiva, tendo como estratégias de coleta dos dados: entrevista semiestruturada e grupo focal. Contou-se com quinze colaboradores, sendo cinco egressos e quatro integrantes do PETEM, uma ex-tutora, dois docentes e três discentes. O processo seletivo do Programa passou por transformações ao longo do tempo. Realiza ações de ensino, pesquisa e extensão, tendo dificuldade de empreender atividades extensionistas, em virtude da carga horária do curso de enfermagem. Assim, esta pesquisa registrou a história desse Programa, demonstrando a sua importância para a formação em enfermagem.

Palavras-chave: Educação tutorial. Enfermagem. Formação.

**TUTORIAL EDUCATION PROGRAMME NURSING FACULTY OF UNIVERSITY OF
THE STATE OF RIO GRANDE DO NORTE: EXPERIENCES AND MEANING IN
TRAINING CULTURE ACADEMIC**

ABSTRACT:

This study aims to rescue the construction process of the Tutorial Education Program of Mossoro Nursing School - PETEM in Rio Grande do Norte. This is a qualitative, descriptive research, while the data collection strategies: semi-structured interviews and focus groups. Counted on fifteen employees, five graduates and four members of PETEM, an ex-tutor, two teachers and three students. The program's selection process has undergone changes over time. Conducts educational activities, research and extension, having difficulty to undertake extension activities because of the workload of the nursing course. Thus, this research recorded the history of this program, demonstrating its importance for nursing education.

Keywords: Tutorial education. Nursing. Formation.

DOI: 10.28998/2175-6600.2017v9n17p154

1 INTRODUÇÃO

O Programa de Educação Tutorial – PET foi criado no ano de 1979, com o objetivo de fortalecer o ensino superior no Brasil. Inicialmente, esse projeto foi denominado de Programa Especial de Treinamento – PET (RIGO et al., 2008; TOSTA *et al.*, 2006). Sendo que apenas no ano de 2003, a sigla PET passou a significar Programa de Educação Tutorial, o que, conforme Freitas (2008), não foi uma mera mudança de nome. Significou também uma mudança na concepção do Programa, o qual passou a ter um caráter formativo muito mais sólido no desenvolvimento das ações de ensino, pesquisa e extensão.

O professor Ivan Leite Magalhães na Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) da Universidade Federal de Minas Gerais, na década de 1970, resolveu selecionar alunos de maior destaque de cada turma, colocando docentes para dar apoio e disponibilizando espaço físico para que se formasse um grupo de estudos. Essa equipe de alunos e professores recebia uma bolsa para se dedicar às atividades de estudo, apresentando como principal característica o apoio mútuo (ALENCAR *et al.*, 2014).

Assim, a partir dessa experiência exitosa, o professor Cláudio de Moura Castro, então diretor da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES teve a iniciativa de criar o PET. Destaca-se que, além de tomar como referência o empreendimento do docente Ivan Magalhães, Cláudio Castro também se inspirou nos *Honours Programs*, os quais se constituíam em programas ofertados por instituições de ensino superior americanas que objetivavam um aprimoramento da formação acadêmica (ALENCAR et al., 2014; CASSIANI; RICCI; SOUZA, 1999).

Conforme Brasil (2007), as principais características do PET são: possibilitar a aproximação com a pesquisa, o que estimula a inserção na pós-graduação; fomentar um ambiente estimulante para o processo ensino-aprendizagem; estimular a participação em eventos científicos e promover a interdisciplinaridade, que se mostra imprescindível para a formação e a atuação profissional.

Assim, o PET elenca enquanto método a tutoria que visa estimular uma aprendizagem ativa entre seus membros a partir do instante que possibilita “orientação e acompanhamento do aluno de forma sistemática no âmbito individual ou coletivo” (GONÇALVES; CAMPOS, 2008, p.124). Desse modo, “a ação tutorial se concretiza pelo cuidado do professor-orientador (tutor) em amparar, assistir, orientar, enfim, acompanhar o processo de amadurecimento do aluno, a partir da sua formação acadêmica” (GONÇALVES; CAMPOS, 2008, p.124).

O grupo PET é constituído, portanto, por doze alunos bolsistas, ou seja, integrantes que recebem um incentivo financeiro para participar do Programa. Esses discentes são liderados por um tutor, que os auxilia a superar as dificuldades no processo ensino-aprendizagem e, ao fazer isso, acaba levando-os a enfrentar os obstáculos diante da vida e perceber que possuem capacidades intelectuais e cognitivas para isso (GONÇALVEZ, CAMPOS, 2008; TOSI, 2008). Além disso, o tutor também tem a responsabilidade de coordenar o grupo, estimulando-o na realização das atividades e favorecendo sua integração com a Universidade (BRASIL, 2007).

Para que um professor possa exercer o cargo de tutor, precisa comprometer-se em dedicar pelo menos oito horas semanais para as atividades com o grupo, planejando e coordenando as atividades dos alunos, não podendo receber outro tipo de bolsa. Precisa ainda comprometer-se em assumir a função de tutor por pelo menos três anos, além de ter experiência na orientação de alunos, demonstrar afinidade pelas atividades de pesquisa e extensão (CASSIANI; RICCI; SOUZA, 1998; BRASIL, 2007).

Já o aluno pode participar do grupo em duas categorias: como bolsista ou não bolsista. Para isso precisa se submeter ao processo seletivo e ser aprovado, tendo que permanecer no mínimo dois anos, para fazer jus ao certificado de participante que é emitido pela Instituição de Ensino Superior - IES. A única diferença entre os alunos bolsistas e os não bolsistas é o incentivo financeiro mensal que aqueles recebem. Desse modo, os participantes devem dedicar no mínimo, vinte horas semanais, para as atividades do grupo. Precisam apresentar bom rendimento no curso e participar das atividades de ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 2007).

Nesse sentido, o Curso de Enfermagem, bacharelado e licenciatura da Faculdade de Enfermagem (FAEN), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), procurando oferecer uma formação acadêmica de excelente nível, visando à formação de um profissional crítico e atuante, decidiu, então, implantar o PET.

O Programa de Educação Tutorial em Enfermagem de Mossoró (PETEM) teve sua implantação em novembro de 1991, funcionando até os dias de hoje. O Programa de Educação Tutorial em Enfermagem de Mossoró (PETEM) teve sua implantação na FAEN em novembro de 1991, funcionando até os dias de hoje. O PETEM teve como sua primeira tutora a professora Doutora Taniamá Vieira da Silva Barrêto, que permaneceu no programa de 1991 a 1994. Ao ter que se afastar para cursar doutorado no Rio de Janeiro, o PETEM ficou sob a coordenação da Professora Mestre Luzia Cecília de Medeiros, que permaneceu no programa de 1994 a 2009, deixando o programa por ter entrado com solicitação de aposentadoria da FAEN/ UERN por tempo de serviço. Em 2009, em virtude da necessidade de realizar a substituição da professora tutora no programa, o departamento de Enfermagem realizou um processo eleitoral na FAEN, sendo eleita a professora Doutora Suzana Carneiro de Azevedo Fernandes que atendeu os requisitos e procedimentos necessários para ingresso de uma nova tutora no programa. Desse modo, o grupo atualmente está composto de uma tutora, 12 alunos bolsistas e 6 alunos não-bolsistas que cursam diferentes semestres da graduação da FAEN.

Os integrantes do grupo dedicam, pelo menos, 12 horas semanais aos estudos extraclasse. Além disso, realizam atividades de ensino, pesquisa e extensão. Apresentam seminários, participam de congressos científicos, escrevem artigos, dão palestras, estudam uma língua estrangeira e informática, empreendem também pesquisas científicas, estudos monográficos e fazem relatórios semestrais, sendo permanentemente incentivados a prosseguirem seus estudos em nível de pós-graduação.

Tendo em vista a importância do grupo PETEM no estímulo à criação de um modelo pedagógico, na formação acadêmica de qualidade dos alunos do curso de Enfermagem e nas inúmeras pesquisas e atividades desenvolvidas pelo grupo, esta investigação surgiu como uma tentativa independente das

pesquisadoras de compreender melhor essa temática, visando a sua sistematização e registro, haja vista existirem poucas pesquisas que abordam esse assunto. Logo, o presente estudo tem como objetivo analisar o processo de construção do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Enfermagem de Mossoró (PETEM), com vistas ao favorecimento de um repensar crítico sobre a sua significação para a construção/formação de uma cultura acadêmica.

2 METODOLOGIA

Optou-se por construir pesquisa de natureza qualitativa para aproximar e descrever o objeto de investigação, incorporando aspectos “[...] do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais” (MINAYO, 2007, p.45) das práticas do processo de construção do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Enfermagem de Mossoró.

Assim, a investigação qualitativa se apresenta como uma estratégia importante e necessária à análise mais refinada do conteúdo captado através das falas dos alunos bolsistas, não bolsistas e tutora egressa do PETEM, demais alunos da graduação, bem como dos docentes do curso de Enfermagem da FAEN, pois só assim proporcionará uma compreensão das experiências vivenciadas pelos atores sociais envolvidos no processo de construção do Programa de Educação Tutorial da FAEN/UERN.

Configura-se ainda, em relação aos seus objetivos, como uma pesquisa descritiva, visto que se propõe a detalhar, a expor, a narrar os aspectos acerca do fenômeno estudado (GIL, 2008). Neste caso, intentou-se descrever elementos históricos sobre a constituição do PETEM, bem como sobre os seus significados na formação dos sujeitos envolvidos.

Como técnicas de coleta de dados foram utilizados a entrevista semi-estruturada e o grupo focal. Minayo (2007), por sua vez, afirma que a entrevista semi-estruturada deve ser compreendida como uma conversa realizada com a finalidade de conhecer a opinião, a compreensão do sujeito sobre um determinado assunto, sendo esse diálogo conduzido por um roteiro de perguntas previamente estabelecido. À medida que a entrevista vai

acontecendo, no entanto, o pesquisador pode tecer outros questionamentos a partir das repostas que estão sendo construídas.

Destaca-se que as entrevistas foram realizadas em data e local agendados de acordo com a disponibilidade dos sujeitos. Para assegurar maior fidedignidade às informações fornecidas pelos participantes, cada entrevista foi gravada, com aquiescência do entrevistado, em aparelho de áudio, sendo posteriormente transcrita conforme falada, realizando-se apenas ajustes nos aspectos ortogramaticais.

É pertinente salientar também que participaram das entrevistas quinze sujeitos, sendo cinco egressos e quatro integrantes do Programa; uma tutora egressa; três discentes e dois docentes do curso de enfermagem da FAEN/UERN.

O encontro com o grupo focal, por sua vez, foi norteado por um roteiro previamente elaborado. Escolheu-se essa estratégia de construção de dados porque permitiu estabelecer um diálogo entre os diversos participantes, proporcionando várias opiniões, as quais possibilitaram entender melhor, sob diversas perspectivas, a temática em estudo (GONDIM, 2002).

Desse modo, essa técnica pode ser vista como uma forma de complementar a entrevista semiestruturada, visto que o grupo focal tem por finalidade obter a "fala em debate", onde vários pontos são discutidos, gerando conceitos, impressões e concepções sobre determinado tema, entre os participantes do grupo (CRUZ NETO, 2009).

Ressalta-se que, inicialmente, foram realizadas as entrevistas semi-estruturadas e, posteriormente, as informações construídas nesse momento serviram de base para a discussão no grupo focal, o qual foi realizado apenas com os egressos e os integrantes do Programa. Isso porque se verificou a necessidade de compreender melhor informações evocadas nos depoimentos dos sujeitos, além do fato de somente eles demonstrarem disponibilidade para participar desse momento. Nesse sentido, o grupo focal foi realizado em data previamente agendada com os participantes, em sala de aula nas próprias dependências da Faculdade de Enfermagem, visto que se tratava de um lugar acessível para todos. Sendo assim, contou-se com a participação de nove sujeitos, sendo cinco egressos e quatro integrantes do Programa.

Para a análise dos dados coletados, foi empregada a análise temática, que consiste em um conjunto de técnicas que permitem realizar a análise dos dados de forma sistemática, permitindo, pois, inferir as condições nas quais as mensagens foram produzidas (MINAYO, 2007).

A análise temática “comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de uma palavra, de uma frase, de um resumo” (MINAYO, 2007, p.115). Assim sendo, para realizar a análise temática, faz-se preciso que se descubra a essência da comunicação, ou seja, quais núcleos de sentido se repetem com mais frequência e que tenham significado para a leitura dos dados (MINAYO, 2007).

Para uma melhor operacionalização, a análise temática é dividida em três etapas. A Pré-análise, que é primeira fase, enfoca a delimitação do objeto a ser analisado e no ato de retomar os objetivos da pesquisa para auxiliar na orientação da análise. Desse modo, foi realizada uma leitura geral dos dados coletados, com a finalidade de ter uma primeira aproximação, permitindo, assim, que se iniciasse a apropriação do seu conteúdo (MINAYO, 2007).

Na segunda etapa, que é a exploração do material, foi empreendida uma leitura mais aprofundada dos dados coletados, objetivando alcançar o núcleo de compreensão dos textos construídos pelos participantes. Então, foram construídas as categorias, que são expressões ou palavras significativas, capazes de aglutinar em torno de si o que os diversos sujeitos falaram sobre um determinado assunto (MINAYO, 2007).

Na última etapa - tratamento dos resultados obtidos e a interpretação - foram elaboradas as inferências e as interpretações, a partir do referencial teórico (MINAYO, 2007). Então, foram estabelecidas duas categorias: Categoria 1: Processo seletivo, Motivação e Composição do grupo PETEM e Categoria 2: Atividades Desenvolvidas pelo Programa.

Para preservar a identidade dos colaboradores, foram utilizados pseudônimos de Egresso para os ex-petianos do PETEM, de Petiano para os atuais bolsistas e não-bolsistas (voluntários) do programa, de Ex-tutora para a tutora egressa do PETEM e de Docente e Discente para demais professores e alunos respectivamente do curso de enfermagem da FAEN/UERN. Para

diferençar as falas dos entrevistados, os mesmos receberam números arábicos, de acordo com a ordem de concessão das entrevistas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Categoria 1: Processo seletivo, Motivação e Formação do Grupo.

O processo seletivo para o Programa de Educação Tutorial em Enfermagem – PETEM da Faculdade de Enfermagem – FAEN/UERN passou por algumas transformações ao longo do tempo. Isso fica explícito na fala do Egresso 1 que participou no período de 1993 a 1996 do programa: “Para a seleção foi realizada apenas uma entrevista”.

A partir da fala do Egresso 5, que participou do PETEM de 1998 a 2000, identifica-se que a seleção já trouxe outras etapas:

Na época, o processo seletivo exigia um projeto de pesquisa do candidato e este passaria também por uma entrevista. Lembro que não poderia participar quem estivesse irregular no curso, que tivesse devendo disciplina, por exemplo (EGRESSO 5).

O Egresso 2, que participou do Programa entre os anos 2006 e 2008, descreve um processo seletivo composto de quatro fases:

Numa primeira fase, realizamos uma prova escrita com questões amplas e estabelecidas a partir de material indicado no ato da inscrição. A segunda fase foi análise de rendimento acadêmico e projeto de pesquisa, desenvolvido como requisito para a seleção. A terceira fase foi apresentação do projeto de pesquisa com arguição pela tutora do projeto. A quarta fase foi uma entrevista que versou sobre as motivações para ingresso no programa (EGRESSO 2).

Atualmente, constata-se que a entrevista foi abolida do processo seletivo, só que outro quesito foi incluído: a convivência por um mês com o grupo PETEM, depois que o candidato é aprovado na prova escrita e inicia a elaboração do projeto de pesquisa a ser apresentado ao final.

Primeiramente, todos fizeram uma prova escrita, na qual os textos foram entregues pela tutora e as questões da prova foram a partir deles. Quem obtivesse a nota igual ou maior a 7, passaria para a segunda fase da seleção. A segunda fase era composta por 1 mês de

convivência com o grupo PETEM, participando das atividades desenvolvidas por eles e também da construção de um projeto de pesquisa, que seria apresentado no final do período (PETIANO 1).

A ampliação do período de convivência, segundo a ex-tutora aconteceu porque a partir de discussões com todo o grupo PET, chegou-se à conclusão de que se fazia necessário esse período maior de convivência com os candidatos, a fim de que se conseguisse analisar melhor se tinham ou não capacidade de trabalhar em equipe.

Uma das principais características exigidas pelo mercado de trabalho é a capacidade de articular conhecimentos, de (re)pensar práticas coletivas, enfim de trabalhar em grupo (KOLTERMANN; SILVA, 2008; SPINELLI; CARNEIRO; MEDEIROS, 2008). Principalmente quando se trata da área da saúde que, conforme Costa, Pontes e Rocha (2006), constitui-se um trabalho eminentemente interdisciplinar. Isso porque, a partir do instante em que se alicerça na integralidade, princípio doutrinário do Sistema Único de Saúde-SUS, entende-se que, para um atendimento integral do usuário, faz-se imprescindível que os diversos profissionais de saúde articulem seus conhecimentos para trabalhar juntos. Assim, o PET estimula os seus integrantes a desenvolver essa competência de trabalhar em equipe.

Por isso, o Programa de Educação Tutorial, ainda que estimule seus integrantes a desenvolverem trabalhos individualmente, tem grande parte das suas atividades realizadas coletivamente, inclusive como forma de propiciar esse exercício, ainda em âmbito acadêmico, de articular saberes e práticas (FERREIRA; MARTINS; FREITAS, 2008).

No que diz respeito aos discentes, alguns conhecem o processo seletivo para adentrar no PETEM, o que fica explícito na seguinte fala de um acadêmico do quinto período:

O processo seletivo começa com a entrega do IRA dos interessados em participar do programa. Subsequente é entregue aos discentes textos que serviram como 'molde' para responder as questões colocadas na prova escrita. De acordo a pontuação do discente na prova, ele poderá passar para a segunda fase, que consiste na realização de um projeto de pesquisa, além de atividades em grupos (DISCENTE 1).

Outros, no entanto, evidenciam desconhecer como se processa a seleção dos candidatos a uma vaga no programa. “É feito em etapas, nas quais o aluno faz uma pesquisa e apresenta um projeto e uma prova” (DISCENTE 2). “Através da apresentação de um projeto de pesquisa que será avaliado” (DISCENTE 3).

As falas dos discente 2 e 3, que cursam, respectivamente, o sétimo e o terceiro períodos, permitiram tecer algumas considerações. De início, é preocupante o fato de esses estudantes não conhecerem o processo seletivo, até porque ambos não tentaram ingressar no programa. Então, fica o questionamento se o fato de não conhecerem mais detalhadamente como ocorre a seleção dos petianos não influenciou nessa decisão. Somando-se ainda ao fato de que essas falas permitem inferir pouco conhecimento acerca do que seja o PETEM, as ações que o Programa desenvolve.

Quando questionados sobre o processo seletivo, os professores também demonstraram não conhecer detalhadamente como acontece essa seleção. “Eu sei que há a seleção através de avaliação de prova escrita, de prova didática, de prova prática, de prova didática e através do histórico escolar, até onde eu sei...” (DOCENTE 1) Ou ainda: “A seleção, eu acho que se dá através de uma prova escrita e a apresentação de um projeto” (DOCENTE 2).

As falas dos docentes também suscitam apreensão, porque sugerem um distanciamento em relação ao Programa de Educação Tutorial, ao desconhecer como se dá a inserção dos alunos. Entende-se que essa realidade é desfavorável não só para o PETEM, mas para a Faculdade de Enfermagem. Isso porque, consoante Brasil (2007), um dos principais objetivos do Programa de Educação Tutorial é melhorar o nível dos cursos de graduação, através de atividades de ensino, pesquisa e extensão, a partir do momento em que leva a comunidade acadêmica a refletir sobre os novos desafios na formação, repensando, pois, sua própria matriz curricular.

Em relação à motivação que leva as pessoas a ingressarem no PETEM, grande parte dos nossos colaboradores concordaram que a ampliação da formação profissional e a bolsa estimulam os discentes a participarem do programa: “Acredito que a vontade de adquirir novas experiências durante a

vida acadêmica, bem como o desejo de aproveitar a oportunidade de ganhar uma bolsa” (DISCENTE 3).

Depois que conheci melhor o PET e fiquei sabendo que o mesmo desenvolvia ações de pesquisa, ensino e extensão fiquei mais interessada ainda, pois isso é muito bom para o currículo. Além disso, a bolsa que o PET oferece me ajudaria bastante na aquisição de livros bem como na participação de congressos, eventos, o que também é muito importante para a vida acadêmica (PETIANO 3).

Para alguns, no entanto, o grande incentivo para ingressar no programa é o estímulo à pesquisa, sobressaindo-se até mesmo a questão financeira. É o que afirma o Egresso 1: “Necessidade de ampliar a formação acadêmica, desenvolver e aperfeiçoar a habilidade para a pesquisa; a convivência com outros petianos; a possibilidade de melhorar a formação em prol de graduação”. Ainda como diz este outro participante: “Por ser um grupo de pesquisa atuante na faculdade, pensei que, a partir deste, eu poderia aprimorar meus conhecimentos, melhorar minha desenvoltura. [...] Dessa forma, enriqueceria bastante o meu currículo acadêmico” (PETIANO 2).

[...] Há um grande estímulo à pesquisa na faculdade, no sentido de enaltecer o PETEM, no que concerne ao estudo bem orientado, à realização de trabalhos em grupo, em equipe [...] Eu acho que a maior motivação é essa: fazer parte do PETEM na FAEN há muito tempo é um ‘ponto de popularidade’, é um espaço de crescimento, tirando da jogada a questão da bolsa, porque, mesmo sem bolsa, os alunos continuam como voluntários (DOCENTE 2).

Para a Ex-tutora tanto a questão financeira como o estímulo à vida acadêmica suscitam nos alunos o interesse pelo Programa de Educação Tutorial em Enfermagem. Assim sendo, a bolsa “[...] era muito significativa. Era maior que o salário que se pagava a muitos profissionais aqui da região. Também tinha a perspectiva da vida acadêmica, de continuar os estudos na pós-graduação...” (EX-TUTORA).

As respostas obtidas no que tange à motivação para ingressar no PET acabam corroborando com os resultados alcançados em pesquisas realizadas com grupos PET de outras Universidades brasileiras, tais como: Rigo *et al.*

(2008) e Cassiani, Ricci e Souza (2008). Esses estudos demonstraram que os motivos que mais estimulam os alunos a ingressarem no Programa de Educação Tutorial são: desejo de complementar a formação acadêmica, interesse em seguir carreira acadêmica, identificação com os objetivos propostos pelo Programa, além do incentivo financeiro que surge como uma forma de assegurar a participação em eventos, congressos, cursos (RIGO et al., 2008; CASSIANI; RICCI; SOUZA, 1998).

O grupo PET, ao elencar como método a tutoria, é formado por doze alunos que são liderados por um tutor, que estimula a participação dos alunos, objetivando o seu desenvolvimento profissional e pessoal bem como planejar e executar ações em grupo, possibilitando uma articulação com toda a comunidade acadêmica (CASSIANI; RICCI; SOUZA 1998).

Conforme Martins (2008), o método tutorial torna-se importantíssimo no cenário educacional, por possibilitar uma maior aproximação entre discentes e docentes, assegurando, pois, uma efetiva e organizada articulação para que o conhecimento seja construído. Além disso, o grupo tutorial torna-se um *locus* pertinente para que as habilidades individuais e coletivas sejam potencializadas e os obstáculos inerentes ao processo ensino-aprendizagem sejam superados. Nessa perspectiva, em relação à formação do grupo, o Egresso 5 relata que

Éramos 12 bolsistas, que ao todo, contemplavam todos os períodos, com exceção dos três primeiros, quando na verdade, éramos informados sobre a existência do PETEM e as formas de tentar a seleção. Além dos bolsistas, havia voluntários que não eram remunerados com bolsas, mas, que também desenvolviam as mesmas atividades que os outros. Além dos alunos, tínhamos a tutoria por parte de uma professora do departamento.

A fala do Egresso 5 demonstra que, no Programa de Educação Tutorial, a participação de todos é valorizada da mesma forma, o que evita atribuir a responsabilidade de “líder” apenas a um aluno e o papel de “subalternos” aos outros (NARDO JÚNIOR; GARCIA, 2008). Isso obviamente não quer dizer que as habilidades de cada um não sejam potencializadas. Pelo contrário, o tutor, enquanto mediador do processo de produção de conhecimento naquele grupo, responsabiliza-se por estimular o desenvolvimento dessas habilidades individuais (NARDO JÚNIOR; GARCIA, 2008; FERREIRA; MARTINS;

FREITAS, 2008; SCARPARO; SEFERIN; MARTINS, 2008). Só que, como Medeiros (2008) explica, num grupo de aprendizagem como o PET, não há espaço para que um integrante se coloque de modo mais ostensivo como única liderança, visto que todas as atividades são realizadas cooperativamente.

3.2 Categoria 2: Atividades Desenvolvidas pelo Programa

Ribeiro (2008) afirma que o ensino, a pesquisa e a extensão constituem-se em três diferentes dimensões do processo de construção do conhecimento no âmbito universitário. Desse modo, torna-se impossível dissociar o caminho percorrido na busca pelo conhecimento, isto é, a pesquisa e as formas encontradas e utilizadas para a apropriação e o compartilhamento desses conhecimentos, ou seja, respectivamente, o ensino e as atividades extensionistas.

Brasil (2007), por sua vez, expõe que o Programa de Educação Tutorial se propõe a articular atividades de ensino, pesquisa e extensão. Ainda nesse sentido, na visão de Tosta *et al.* (2006), o PET constitui-se uma relevante iniciativa para incrementar a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão, no âmbito universitário e para a comunidade como um todo, resgatando, pois, a responsabilidade social da Universidade.

Xavier e Goulart (2008) chegam a afirmar que o sucesso desse Programa encontra-se na indissociabilidade estabelecida entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, haja vista que essa articulação permite um crescimento acadêmico e pessoal dos integrantes, ao levá-los a produzir conhecimentos que tentem responder às demandas suscitadas pela sociedade, e, dessa forma, planejar e executar ações que possam intervir na realidade em que estão inseridos.

Os egressos e os petianos do PETEM da FAEN/UERN demonstram que, respectivamente, conseguiam e conseguem executar atividades de ensino e pesquisa; afirmam, porém, terem bastante dificuldade em realizar atividades extensionistas, inclusive elencam alguns obstáculos.

Cada petiano desenvolve a sua pesquisa individualmente. Com relação às atividades de ensino sempre realizamos seminários,

estudos em grupos e cursos nos quais os próprios petianos são os palestrantes. Extensão desde que entrei no PET não foi desenvolvido nenhum projeto de extensão, mas isso se deve muito à carga horária da nossa faculdade, pois temos aula pela manhã e à tarde, todos os dias. Isso dificulta bastante o desenvolvimento de projetos de extensão, só se fizemos no sábado, estamos tentando começar um aos sábados, mas ainda não iniciamos (PETIANO 1).

A partir das informações coletadas, tanto com egressos como com os petianos, foi possível constatar que a realização de atividades de extensão é uma dificuldade que ocorre há muito tempo no PETEM. O principal entrave constitui-se a carga horária do curso que, por ser diurno, acaba sobrecarregando os integrantes do programa e, conseqüentemente, dificultando o planejamento e a execução de ações extensionistas.

No entanto, não se pode deixar de citar que o programa, utilizando-se dos dizeres de Sá (2008) e Freitas (2008), tem realizado ações de extensão “para dentro” da Universidade, ou seja, ações que visam compartilhar e construir saberes para além dos limites do grupo PETEM, mas com toda a comunidade acadêmica, o que fica explícito na fala do Egresso 4: “A extensão era o ponto que tinha mais dificuldade, mas, ainda assim, realizamos extensão através de cursos para a comunidade acadêmica em geral, interação entre os outros PETs...”

É perceptível também que o PETEM, ainda que de forma pontual, consegue desenvolver ações de extensão para além dos limites da FAEN. Tanto que o Petiano 4 afirma:

Os alunos do PET participam de atividades de extensão já existentes, como o “Meu melhor Natal”, com atividades recreativas e educativas, do “Ação Global”, que acontece anualmente na cidade de Mossoró com atividades como verificação de pressão, teste de glicemia, realização de oficinas etc.

Nesse sentido, a ex tutora relata que: “Extensão sempre foi mais difícil de realizar porque extensão implicava o aluno também se deslocar para a comunidade para realizar aquela atividade e isso se chocava com os horários de aula”. Só que, mesmo com obstáculos, sempre desenvolveram ações extensionistas como continua a narrar: “Mas tivemos significativas ações de extensão, como trabalho sobre educação sexual com adolescentes. O bolsista passou mais de dois anos, toda sexta-feira, realizando rodas de conversa,

palestras, filmes, discutindo questões pertinentes à sexualidade” (EX-TUTORA).

As atividades extensionistas acabam sempre partindo das necessidades do contexto no qual os petianos estão inseridos. Assim sendo, consoante Saupe e Geib (2002), o Programa de Educação Tutorial nos cursos de enfermagem passa a atuar na formação de enfermeiros conscientes da sua responsabilidade social, procurando tomar como referência a realidade na qual os alunos se inserem com o objetivo de conhecer o contexto e elaborar estratégias com vistas a transformá-la, realizando, portanto, atividades de extensão.

Quando questionados se consideravam que o PETEM realizava atividades de ensino, pesquisa e extensão, os discentes afirmaram não saber: “Acredito que sim, mas não posso responder de certeza” (DISCENTE 3). Só que quando inquiridos se já participaram de alguma atividade desenvolvida pelo grupo PETEM, as respostas foram bem diferentes: “Particpei da campanha do NATAL 2009. E foi bem legal, a gente se vestiu tipo de palhaço e fomos a duas escolas públicas da cidade, fazer a diversão deles. Os ‘enfermeiros da Alegria” (DISCENTE 1). Já o Discente 2 responde que: “Apenas uma vez, do Cine Pet. Gostei de ter participado, abre espaço pra discussão e tem uma metodologia da qual eu gosto, pelo uso de filmes” (DISCENTE 2).

As respostas anteriores permitem refletir que os discentes têm dificuldade em definir o que são as ações de extensão, porém pelos depoimentos supracitados, compreende-se que o PETEM consegue realizar ações de ensino, pesquisa e extensão, não apenas em nível acadêmico, como foi o caso do Cine Pet, que consiste em exibir filmes e promover discussão, assim como atividades para além dos limites da academia, tais como: a Campanha do Meu Melhor Natal, que foi uma proposta da Universidade voltada para as comunidades mais carentes e o PETEM assumiu sua responsabilidade atuando na realização de ações educativas em escolas, por exemplo.

Essas dificuldades, porém, em realizar ações extensionistas são comuns também a outros grupos PET. Silva (2008), a partir da sua experiência enquanto tutor do curso de Geografia da Universidade Federal do Pará –

UFPA, fala que um dos maiores entraves que tem encontrado consiste na realização de atividades extensionistas. Essa problemática ocorre por vários motivos: os próprios limites que o ensino superior tem para realizar atividades extensionistas, em virtude de estar perdendo a noção do seu papel enquanto instituição social, além da dificuldade de viver a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, percebendo-os como três aspectos que se estimulam mutuamente. Brasil (2007, p.06), por sua vez, afirma que:

O PET, ao desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão, de maneira articulada, permite uma formação global, tanto do aluno bolsista quanto dos demais alunos do curso, proporcionando-lhes uma compreensão mais integral do que ocorre consigo mesmo e no mundo. Ao mesmo tempo, a multiplicidade de experiências contribui para reduzir os riscos de uma especialização precoce.

Ou seja, o PETEM, ao realizar suas ações, acaba permitindo uma articulação entre toda a comunidade acadêmica, o que acaba sendo ratificado pela fala da Docente 2 que relata: “As atividades desenvolvidas pelo PETEM são muito interessantes, participei inclusive do Cine Pet. São discussões muito ricas, momentos muito ricos, além de ser um momento de confraternização, de integração mesmo entre os petianos, os docentes e os alunos”.

Conforme Kato e Faggian (2008), outro aspecto que diferencia o PET de outros programas desenvolvidos no ensino superior é a interação existente entre os seus integrantes e os demais alunos do curso de graduação. Uma das grandes preocupações do grupo PET é planejar ações que consigam reunir toda a comunidade acadêmica e, conseqüentemente, possibilitar momentos de reflexão acerca de diversas temáticas pertinentes à formação profissional, cidadã e ética dos indivíduos.

Conforme os Egressos e os Petianos, sempre se objetivava essa integração do grupo com os discentes e docentes.

No PETEM são desenvolvidas algumas atividades que estão abertas para a participação dos demais discentes da graduação como [...] Assim, o PETEM está sempre buscando trocar experiências e ampliar os conhecimentos entre petianos, demais discentes e tutor (PETIANO 5).

É claro que existiam atividades mais restritas como o planejamento e alguns seminários para o grupo. Mas a grande maioria dos trabalhos era voltada para a comunidade faeniana, de forma que sempre

tivemos uma relação muito boa com os demais discentes e docentes também. Éramos solicitados para debates, construção de projetos, monitorias em sala de aula, de forma a plantar em cada um o espírito e a filosofia petiana (EGRESSO 3).

Os discentes da FAEN/UERN afirmaram, entretanto, que não conseguem visualizar essa integração do PETEM com a comunidade acadêmica: “Não, acho o grupo muito fechado, e geralmente as ações e atividades do PETEM são muito fechadas...” (DISCENTE 1) Ou ainda: “Acho que raramente são utilizadas atividades que integrem os demais discentes, ou os chamem, apenas da vez do Cine Pet de que eu participei’ (DISCENTE 2).

As opiniões dos discentes permitem tecer duas considerações. De início, o grupo PETEM precisa encontrar outras formas de divulgar suas atividades, a fim de possibilitar uma maior articulação com a academia. Por outro lado, os discentes precisam, em contrapartida, estar mais sensíveis às ações que são desenvolvidas pelo PETEM. Isso porque, durante as entrevistas, constatamos um sentimento de resistência em relação aos petianos, ressaltando que a imagem que transparece é a de um grupo fechado, que se isolou do restante da faculdade e que se considera superior aos demais graduandos. Sendo assim, a Docente 1 adverte:

E inclusive a própria faculdade precisa se interessar, a comunidade acadêmica, os alunos que não fazem parte do PETEM, se interessar mais pela atividade. Porque a gente sabe que o ambiente acadêmico, o PETEM tem aquele espaço na faculdade, mas não está restrito apenas a quem participa do PETEM, mas qualquer um que venha a participar. (sic).

Ao dialogar com a ex-tutora e com os egressos, compreende-se que essa concepção foi construída ao longo do tempo. Desde o início, foi criada a ideia de que só entrariam no PETEM os melhores alunos, aqueles que se destacassem, até mesmo porque o processo seletivo e a avaliação para se manter no Programa eram bastante exigentes. Como nos assegura a Ex-tutora: “É, no início o PET era visto muito como um grupo de elite”.

Todos esses aspectos contribuíram para que fosse criada a imagem de que os petianos se consideravam superiores ou melhores do que os demais alunos, até porque quando o PETEM foi criado não existia outra iniciativa do gênero na FAEN/UERN.

No período da minha graduação, o PETEM era conhecido como a “panelinha” dos “melhores” alunos, uma vez que existiam poucos projetos em que o aluno poderia se inserir, que eu lembre, diferentemente de hoje, quando existem mais programas para incentivo à pesquisa, à docência [...] Então, muitos alunos tinham interesse de entrar a fim de comporem a equipe de petianos que, segundo muitas mentes da época, diferenciavam-se intelectualmente (EGRESSO 5).

Essa situação, por sua vez, aponta para a necessidade de que o PETEM tente elaborar estratégias para desconstruir essa idéia que foi arquitetada, porque como explica o Egresso 5: “O PETEM era isolado, um espaço restrito, não por finalidade, mas, talvez, pelos métodos que usava para abordar a comunidade em geral. Talvez por isso, na época, sofria alguns preconceitos, como o de ser ‘a panelinha’”.

Nessa perspectiva, as atividades já realizadas pelos petianos podem se configurar em um espaço de sensibilização dos discentes sobre os objetivos do Programa, inclusive para a Universidade de uma forma geral. Brasil (2007, p.06) argumenta que o PETEM possibilita ao seu integrante “desenvolver a capacidade de trabalho em equipe, facilitar a compreensão das características e dinâmicas individuais, bem como a percepção da responsabilidade coletiva e do compromisso social”. Só que

A inserção do grupo dentro do curso permite que estas capacidades se disseminem para os alunos do curso em geral, modificando e ampliando a perspectiva educacional de toda a comunidade. Este desenvolvimento terá uma interação dinâmica com o projeto pedagógico do curso, em processo de mútuo aperfeiçoamento (BRASIL, 2007, p. 06).

Martins (2008); Koltermann e Silva (2008) suscitam o debate de que a presença do Programa de Educação Tutorial no curso de graduação não contribui apenas para uma vida acadêmica mais rica e estimulante para os seus integrantes, porém para a comunidade acadêmica como um todo. Isso porque a partir do momento em que os petianos e o tutor se inserem nas atividades acadêmicas contribuem para a melhoria do curso de graduação. Suscitando inclusive reflexões sobre o Projeto Político Pedagógico do curso incentivando um contínuo processo de avaliação e reformulação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a história do Programa de Educação Tutorial – PET em nível nacional, desde sua criação até hoje, passando pelas várias crises que enfrentou, observa-se a importância do Programa não apenas para os alunos bolsistas e não-bolsistas que o integram, já que permite uma formação ampliada, não somente no aspecto profissional, mas também no que tange à formação de valores humanos, éticos, morais. Além disso, acaba trazendo benefícios para a comunidade acadêmica como um todo, ao estimular o ensino, a pesquisa e a extensão.

O Programa de Educação Tutorial em Enfermagem – PETEM da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - FAEN/UERN não foge a essa regra; vem promovendo uma formação ampla e de qualidade acadêmica aos alunos da graduação do curso de enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - FAEN/UERN, estimulando a fixação de valores e reforçando a cidadania e a conscientização social de todos os participantes e a melhoria do curso de Enfermagem.

O PETEM, entretanto, ainda enfrenta uma série de obstáculos para a realização das suas atividades. Nessa perspectiva, a questão financeira ganha destaque, visto que a falta de recursos dificulta ou até mesmo impossibilita a execução de determinadas ações. A escassez do tempo, em virtude da carga horária do curso de enfermagem que é diurno, tolhe a realização de ações extensionistas. Mesmo com obstáculos e de forma pontual, os petianos ainda conseguem executar atividades de extensão, tais como a realização de cursos e atividades de educação em saúde em diversas instituições do município.

O trabalho desenvolvido pelo grupo PETEM também é pertinente no sentido de refletir novas maneiras de aproximar a comunidade acadêmica da FAEN/UERN dos serviços de saúde e das escolas no município de Mossoró, rompendo com os limites da academia e resgatando a responsabilidade social da Universidade ao compartilhar e construir saberes com a sociedade.

Por outro lado, faz-se necessário que o corpo docente e discente participem com mais frequência das ações executadas pelos petianos e, por conseguinte, possibilite um maior apoio ao grupo compreendendo-o enquanto um espaço de debate, de reflexão, de construção de novas ideias sobre o ensino em saúde/em enfermagem.

A realização desta pesquisa permitiu registrar, portanto, um pouco da história desse Programa na FAEN/UERN. Essa situação, por sua vez, aponta a necessidade de que outros estudos sejam realizados, até mesmo com o objetivo de dar mais visibilidade ao trabalho que vem sendo desenvolvido pelo grupo, durante as suas mais de duas décadas de contribuições para a Enfermagem.

Por fim, conclui-se que o Programa de Educação Tutorial do curso de Enfermagem da FAEN/UERN desenvolveu e continua desenvolvendo novas práticas e experiências pedagógicas na graduação em Enfermagem; estimulando a atuação dos bolsistas como agentes multiplicadores, disseminando novas experiências e práticas entre o conjunto dos alunos do curso; oferecendo, assim, uma formação acadêmica de excelente nível, visando à formação de um profissional crítico e atuante, orientada pela cidadania e pela função social da educação superior.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. M. T. de et al. O Programa de Educação Tutorial na Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. In: VELOSO, R. dos S. et al. (Orgs.). **Trajetória da Faculdade de Serviço Social da UERJ: 70 anos de história**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. Disponível em: <<http://www.fss.uerj.br/downloads/Colet%C3%A2nea%2070%20ANOS%20FSS/01.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual de orientação básica do Programa de Educação Tutorial – PET**. Secretaria de Educação Superior – SESU. Departamento de Modernização e Programas de Educação Superior. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

CASSIANI, S. H. de B.; RICCI, W. Z.; SOUZA, C. R. de. A experiência do Programa Especial de Treinamento na educação de estudantes de Graduação em Enfermagem. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto,

v. 6, n. 1, p. 45-63, 1999. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v6n1/13922.pdf> >. Acesso em: 17 jun. 2016.

COSTA, A. M.; PONTES, A. C. R.; ROCHA, L. G. Intersetorialidade na produção e promoção da saúde. In: CASTRO, A.; MALO, M. **SUS**: ressignificando a promoção da saúde. São Paulo: Hucitec, 2006.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FERREIRA, A. C.; MARTINS, J. F.; FREITAS, R. N. de. A experiência do Programa de Educação Tutorial. In: BRASIL (Org.). **PET**: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

FREITAS, A. L. P. Educação tutorial – do conhecimento teórico à experiência vivenciada. In: BRASIL (Org.). **PET**: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, M. L. C.; CAMPOS, C. de M. A pedagogia tutorial no ensino presencial. In: BRASIL (Org.). **PET**: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, v.12, n.24, p.149-162, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf> >. Acesso em: 27 de fev. 2016.

KATO, R. A. F.; FAGGIAN, L. F. O enfoque problematizador no ensino tutorial: a descoberta pela atividade. In: BRASIL (Org.). **PET**: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

KOLTERMANN, P. I.; SILVA, E. L. T. da. Desafios e perspectivas da educação tutorial. In: BRASIL (Org.). **PET**: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

MARTINS, I. L. Educação tutorial no ensino presencial: uma análise sobre o PET. In: BRASIL (Org.). **PET**: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

MEDEIROS, L. C. de. Bases teóricas e metodológicas do ensino tutorial. In: BRASIL (Org.). **PET: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo / Rio de Janeiro: Hucitec, 2007.

MOREIRA, A. L. S. O Programa de Educação Tutorial (PET) na UFPA – 1991/2007. In: BRASIL (Org.). **PET: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

NARDO JÚNIOR, N.; GARCIA, M. de F. Análise sobre a educação tutorial. In: BRASIL (Org.). **PET: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

RIBEIRO, G. Educação tutorial: concepções e implementação. In: BRASIL (Org.). **PET: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

RIGO, L. C. et al. Conhecimento, formação e memórias discentes: um estudo a partir do PET/ESEF. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n.03, p. 71-85, 2008. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2632/4178> >. Acesso em: 17 jun. 2016.

SÁ, S. PET – alternativa de excelência. In: ARAÚJO, M. L.; FREITAS, S. C. S.; GURJÃO, S. R. **PET em foco**. Belém: EDUFPA, 2008.

SAMUEL, S. W.; HADDAD, D. C. Caracterização e interfaces da educação tutorial. In: BRASIL (Org.). **PET: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

SAUPE, R.; GEIB, L. T. C. Programas tutoriais para os cursos de enfermagem. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v 10, n.5, p.35-51, 2002. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/1711/1756> >. Acesso em: 18 maio 2016.

SCARPARO, H. B.; SEFERIN, M.; MARTINI, A. R. de B. Reflexões sobre educação tutorial. In: BRASIL (Org.). **PET: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

SILVA, J. M. P. da. O desafio da educação tutorial presencial no Pará. In: ARAÚJO, M. L.; FREITAS, S. C. S.; GURJÃO, S. R. (Orgs.). **PET em foco**. Belém: EDUFPA, 2008.

SPINELLI, R. M.; CARNEIRO, V.; MEDEIROS, S. V. de. Reflexões a partir da experiência petiana. In: BRASIL (Org.). **PET: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

TOSI, P. G. A graduação e o PET: gestão educacional voltada para a humanização do saber com base em equidade. In: BRASIL (Org.). **PET: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

TOSTA, R. M. et al. Programa de Educação Tutorial (PET): uma alternativa para a melhoria da graduação. **Revista Psicologia Latino Americana**, Bogotá, v. 01, n. 08, 2006. Disponível em: <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000400004>. Acesso em: 27 jan. 2016.

XAVIER, B. T. de L.; GOULART, D. F. Ensino, pesquisa e extensão consorciados: a fórmula do sucesso do Programa de Educação Tutorial. In: BRASIL (Org.). **PET: Programa de Educação Tutorial: estratégia para o desenvolvimento da graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

